

Somos um país não-alinhado por vontade do nosso Povo

— Presidente Samora Machel à
"Associated Press" e "Time"

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, concedeu recentemente uma entrevista à agência «Associated Press» e à revista «Time». Durante o encontro com jornalistas daqueles órgãos de Informação, o dirigente máximo da Revolução moçambicana abordou profundamente o desenvolvimento da situação no Zimbabwe. A situação interna no nosso País, quer económica, quer política, foram também temas do diálogo, tal como a política externa, na qual a nossa posição de não-alinhados foi exposta como um desejo do povo.

Durante a entrevista e a pedido dos jornalistas estrangeiros, o Presidente Samora Machel falou sobre a possibilidade de investimentos de capital estrangeiro na economia moçambicana. «O capital estrangeiro trabalhará em certos sectores que já foram definidos pelo Estado; que já foram definidos pelo III Congresso da FRELIMO. A acção deste capital insere-se no nosso plano global de desenvolvimento» — começou por esclarecer o Presidente da RPM que, aprofundando o tema, acrescentou:

«Determinámos diferentes modos para a acção deste capital estrangeiro. Primeiro, créditos e contratos para o fornecimento de tecnologia a empresas estatais. Segundo, participação em sociedades mistas. Terceiro, sector privado. Em todos os casos, o nosso Estado garante a

retribuição do capital investido, garante indemnização em caso de nacionalizações, de maneira a evitar que o capital investido perca a expectativa de retribuição».

Passando ao tema dominante da entrevista — a luta de libertação no Zimbabwe e as suas repercussões no nosso País — Samora Machel, quanto à questão específica de uma possível reabertura das fronteiras Moçambique-colónia britânica da Rodésia do Sul, frisou que «compete ao Conselho de Segurança da ONU pôr termo às sanções que ele próprio decretou».

«Quando após a liquidação do regime minoritário, ilegal e racista, forem criadas condições para a proclamação da independência, o Conselho de Segurança saberá agir... Quando forem removidas completamente as causas essenciais das sanções, aí vamos dizer quando é que reabrimos as fronteiras».

As possibilidades de uma solução negociada para o Zimbabwe, mereceram do Presidente da FRELIMO o seguinte comentário:

«O regime de Ian Smith é o mais isolado jamais visto na História. Por isso, há condições para negociar. Mesmo os Estados Unidos apoiam a luta justa do povo do Zimbabwe e aplicam as sanções decretadas. Portanto, as condições estão maduras».

«Negociar cabe fundamentalmente aos zimbueanos — adiantou o Presidente da República

Popular de Moçambique, a propósito das últimas conversações entre Moçambique e Lord Carver, Alto-Comissário Residente designado pela Grã-Bretanha para o Zimbabwe — Nós estamos a conversar com os ingleses, para encontrarmos pontos comuns em relação à Rodésia. Falámos dos mecanismos para o Governo de Transição.. Porque nós somos membros das Nações Unidas e porque a potência colonial (no Zimbabwe) é a Grã-Bretanha».

«A chamada solução interna será a forma mais alta de promover o prolongamento da guerra no Zimbabwe — respondeu o dirigente moçambicano a uma pergunta dos jornalistas sobre as manobras de Smith com os traidores do povo do Zimbabwe — Já vimos isso no Vietname. Os fantoches nunca serviram, são incapazes. Não é possível formar, agora, um Governo fantoche, depois de uma luta armada. É impossível. Já passaram do lado dos nacionalistas para o lado do inimigo».

«No entanto — prosseguiu — uma vez que Smith diga publicamente que já encontrou a solução, a «solução interna», o Ocidente vai ficar silencioso. A África do Sul vai imediatamente reconhecê-la; será o primeiro país. Em seguida, todo o Ocidente. O último será a Inglaterra. Vão considerar isso «um facto consumado» e depois dirão que aqueles que combatem são rebeldes».

Samora Machel, depois de explicar que, em futuras eleições, cabe ao povo do Zimbabwe escolher os seus dirigentes, quer eles sejam membros da Frente Patriótica ou outros patriotas honestos e consequentes, os jornalistas da «Associated Press» e da «TIME» referiram-se a possíveis divergências entre os Presidentes dos Estados da «Linha da Frente» quanto à questão interna para o Zimbabwe e às propostas anglo-americanas. A isto o Presidente moçambicano respondeu:

«É normal que Estados soberanos tenham por vezes diferentes apreciações de ordem tática, o que é bom. Já é positivo, pois mostra a liberdade de cada Estado. Mas isto não constitui uma divisão porque as diferentes opiniões são livremente discutidas, num espírito de fraternidade, com o objectivo de se alcançar uma posição e uma acção comuns. Acção comum e concertada. A experiência já demonstrou nestes últimos três anos que a unidade dos Estados da «Linha da Frente» tem-se fortalecido continuamente apesar de, em diversos momentos, terem surgido diferentes apreciações sobre problemas concretos. Lembremos que os Estados da «Linha da Frente» constituem hoje um alvo dos inimigos da África. Portanto, lançam-se boatos e intrigas para enfraquecer esta unidade dos Estados da «Linha da Frente»... Esta unidade no combate comum pela libertação de África, pela libertação da Humanidade».

Mediante as constantes agressões de que somos alvo, o Presidente da FRELIMO recordou que a «República Popular de Moçambique, como Estado soberano, tem o pleno direito de recorrer ao apoio dos seus aliados e amigos na defesa

da sua soberania Nacional contra as agressões exteriores. Este princípio está expresso na Carta das Nações Unidas. Em Julho o Conselho de Segurança da ONU aprovou uma resolução de apoio a Moçambique na sua capacidade defensiva, na organização da sua capacidade defensiva».

«Foi tradição do nosso Povo libertar-se do jugo colonial-fascista sem a participação de tropas estrangeiras — acrescentou Samora Machel mais adiante. — No entanto, os nossos amigos e aliados apoiaram-nos nos treinos e equipamentos das nossas forças. Recorrermos ou não à ajuda em tropas estrangeiras dos nossos aliados e amigos, é assunto que será decidido livremente entre a Direcção do nosso Partido e Estado e os nossos aliados e amigos, no momento em que entendermos ser necessário».

No decurso da entrevista, o Presidente da FRELIMO respondeu seguidamente a algumas questões sobre a nossa política interna que os jornalistas daqueles dois órgãos de Informação estrangeiros pretenderam compreender. Os campos de reeducação em Moçambique foi a primeira dessas preocupações.

«Os campos de reeducação em Moçambique devem ser divididos em várias categorias — começou por esclarecer Samora Machel — há uns para os nossos inimigos políticos, que colaboraram com o colonialismo português para destruir a FRELIMO; que colaboraram com os portugueses para destruir a nossa guerra de dentro da Organização e, mais tarde foram-se juntar directamente ao inimigo. Há outros para os que permaneceram sempre nas nossas linhas, mas, assassinando combatentes, assassinando população, assassinando dirigentes. Quer dizer, eram espíões do inimigo no nosso seio. Uma outra categoria é a daqueles que, estando na FRELIMO, lutaram sempre contra a unidade nacional, contra a unidade das forças combatentes. Estes elementos eram essencialmente agentes potenciais do imperialismo. Promoviam no nosso seio o tribalismo, o racismo, o regionalismo; estimulavam ideias de desprezo pela força do povo. Outros conduziam sempre o inimigo para este destruir as bases, destruir a produção da população e matá-la; conduziam o inimigo para as bases, para as escolas, para os hospitais. Isto é, conduziam o inimigo para a nossa zona... Eram agentes da Pide, eram membros do Partido de Marcelo Caetano ou outros a quem foi permitido pelo Governo colonial formarem partidos fantoches para contrariar a FRELIMO e eram financiados pelo Governo colonial. Havia ainda bandidos criados pelo Governo colonial. Tínhamos aqui drogados, marginais, o «Jum-pen». Estavam aqui prostitutas. Em cada quartel onde estavam os soldados portugueses, existiam prostitutas. Por isso é que dizemos: a inspiração do soldado do Ocidente, no Vietname, na Coreia, em Angola, em Moçambique, em Djibouti, na Argélia, em qualquer sítio a sua inspiração é a prostituta e a sua coragem é o álcool. Onde há quartel há prostitutas. E as prostitutas são classificadas também em cate-

gorias: há a prostituta para o soldado em geral; há a prostituta para os cabos, há as prostitutas para os sargentos, há as prostitutas para os alferes e tenentes, há a prostituta para o capitão».

«Como resolver toda esta situação?» — perguntou o Presidente Samora Machel, adiantando a resposta: «Só através do campo de reeducação. É este tipo de gente que está nos campos de reeducação».

Mais adiante, o dirigente máximo da Revolução moçambicana informou que existem oito campos de reeducação e que a reeducação das pessoas que aí se encontram é possível «porque todos eles têm consciência... O que é preciso é ligá-los a um trabalho produtivo». A existência de campos auto-suficientes é hoje um facto. «Mas é verdade que nos primeiros tempos tivemos problemas de vestuário, pratos, panelas para a cozinha, instalações... mas eles construíram isso. Agora estão a ser formados como carpinteiros, pedreiros, em várias especialidades e regressarão para serem integrados na sociedade moçambicana. Actualmente estão a sair muitos. Já chegaram aqui muitos de todas as categorias. Lá também há alfabetização e educação sanitária. E quando há prostitutas é preciso dizer-se: pode-se viver sem se vender, sem sermos lojas ambulantes».

«Nós sabemos distinguir o governo do povo, a atitude do governo da atitude do povo» — disse o Presidente da FRELIMO e da RPM, respondendo já a uma outra questão. Tratava-se do «alinhamento ou não-alinhamento com o Ocidente e o Leste». Após recordar que a maioria dos governos do Ocidente apoiou o Governo colonial-fascista enquanto os seus povos através de organizações progressistas apoiaram a luta de libertação, o Presidente Samora reafirmou que nas nossas relações exteriores damos prioridade «à cooperação e ajuda mútua com os países africanos e com os países socialistas — nossos aliados naturais — e com os Estados que durante a nossa luta de libertação apoiaram o nosso Povo, como é o caso dos países escandinavos, da Finlândia e Holanda. Apesar de tudo isto estabelecemos relações diplomáticas com os Estados do Ocidente».

«Categoricamente — concluiu Samora Machel — não pensamos alinhar com o Ocidente. Somos maus gestores do capitalismo. Não podemos organizar o capitalismo. Nisto reconhecemos a nossa incompetência. Mas somos capazes de organizar o sistema popular. Somos um País africano que constrói o socialismo. Somos um País não-alinhado. E fazemos isto tudo a partir das realidades concretas do nosso País e da vontade do nosso Povo».

(De: Notícias", Maputo, 1978-02-13)